



## FATORES RELACIONADOS À EVOLUÇÃO DOS CASOS DE DENGUE NO BRASIL: UMA REALIDADE SOCIOAMBIENTAL

*Bruna Rafaela Milhorini Greinert<sup>1</sup>, Paula de Souza Cardoso<sup>2</sup>, Gilberto Cezar Pavanelli<sup>3</sup>, Ana Paula Machado Velho<sup>4</sup>.*

**RESUMO:** Zoonoses são doenças que afetam a saúde do homem e geram grande impacto na saúde mundial, ocorrendo especialmente em países de clima tropicais e subtropicais, de baixo desenvolvimento socioeconômico. Dentre as principais zoonoses que colocam em risco a população, destaca-se a dengue, considerada um grave problema de saúde pública no Brasil. Portanto, o presente estudo busca analisar os fatores sociais e ambientais que possibilitam a dispersão da dengue no Brasil. Utilizou-se a revisão bibliográfica como metodologia adotada para a pesquisa e as bases de dados eletrônicas utilizadas para a coleta dos dados, foram: Google Acadêmico, *Scientific Electronic Library Online*, Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde e bibliotecas universitárias. Os dados evidenciam que a realidade social do Brasil quanto à falta de saneamento básico e o descuido da população no que se refere aos hábitos de saúde e de higiene, somados as condições climáticas do país possibilitam um terreno fértil para a dispersão da dengue no território nacional. O estudo ainda revela a importância da mobilização da população para interagir com o setor de saúde pública, visando à criação de estratégias para a eliminação da dengue no país.

**PALAVRAS-CHAVE:** Saúde pública; Dengue; Epidemias; *Aedes aegypti*.

### 1 INTRODUÇÃO

Zoonoses são doenças que afetam a saúde do homem e geram grande impacto na saúde mundial, ocorrendo especialmente em países de clima tropicais e subtropicais, de baixo desenvolvimento socioeconômico. Dentre as principais zoonoses que colocam em risco a população, destaca-se a dengue. Tal zoonose é considerada um grave problema de Saúde Pública em nível mundial, principalmente no que se refere aos grandes centros de áreas tropicais da Ásia e das Américas. Graves epidemias atingiram países da América Central e do norte da América do Sul a partir da década de 70 (CUNHA *et al.*, 2008).

O Brasil também foi alvo de epidemias da dengue que afligiram a população em âmbito nacional. Iniciou-se na década de 1980 a dispersão geográfica do mosquito pelo Brasil, afetando conseqüentemente a Saúde coletiva do país (CUNHA *et al.*, 2008). Trata-se de uma doença febril aguda, que pode apresentar uma evolução benigna em sua forma clássica, ou grave, quando se mostra na forma hemorrágica, sendo que o principal agente transmissor da doença é o mosquito *Aedes aegypti* (FREITAS; RODRIGUES; ALMEIDA, 2011).

Nesta perspectiva, percebe-se que a dengue configura-se como algo prejudicial ao ser humano, podendo acarretar conseqüências para sua saúde e em alguns casos levar à morte. Portanto, o presente estudo busca analisar os fatores sociais e ambientais que possibilitam a dispersão da dengue no Brasil.

### 2 MATERIAL E MÉTODOS

Utilizou-se a revisão bibliográfica como metodologia e os dados da pesquisa foram coletados por meio de manuais, dissertações e artigos científicos. As bases de dados eletrônicas utilizadas para a coleta foram: Google Acadêmico, *Scientific Electronic Library Online*, Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde e bibliotecas universitárias. Inicialmente abordaremos as condições ambientais que possibilitam a dispersão da dengue no Brasil. E, posteriormente, a ação da população como possibilidade de combate a dispersão da dengue.

<sup>1</sup>Psicóloga, Acadêmica do Programa de Mestrado em Promoção da Saúde do Centro Universitário Cesumar – UNICESUMAR, Maringá – PR. Bolsista CAPES. [brunamilhorini@hotmail.com](mailto:brunamilhorini@hotmail.com)

<sup>2</sup> Psicóloga, formada em Arteterapia, especializada em Saúde Pública, Pós graduanda *strictu sensu* em Promoção da Saúde – UNICESUMAR/Maringá, Bolsista CAPES, e-mail [paula.scardoso@yahoo.com.br](mailto:paula.scardoso@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> Docente do Programa de Mestrado em Promoção da Saúde – UNICESUMAR. [pavanelli@nupelia.uem.br](mailto:pavanelli@nupelia.uem.br)

<sup>4</sup> Docente do Programa de Mestrado em Promoção da Saúde – UNICESUMAR. [anapaula.mac@gmail.com](mailto:anapaula.mac@gmail.com)



### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nos últimos anos, diversos foram os estudos que abordaram a temática da dengue. Nesta perspectiva, tais pesquisas contribuem para delimitar possíveis indicadores epidemiológicos e vetoriais da dengue, bem como elucidar pressupostos que favorecem a proliferação do *Aedes aegypti* no Brasil.

Dentre estes estudos, destaca-se o de San Pedro *et al.* (2009) que relaciona a doença à dinâmica social que vivem determinados grupos populacionais, englobando aspectos ligados à qualidade das habitações e a oferta de serviços de saneamento necessários para o local. Tal estudo constatou que os casos de dengue encontram-se relacionado com a baixa renda, pois a oferta precária dos serviços de distribuição de água para a população e a falta de recursos financeiros das famílias implica na adoção de práticas de estocagem de água inadequadas, favorecendo condições propícias para a reprodução do mosquito.

Cunha *et al.* (2008) corroboram tal afirmativa, pois segundo os autores a alta taxa de infecção pelo vírus da dengue está interligada à infraestrutura e a maior ou menor oferta dos serviços públicos da região, como por exemplo: coleta de lixo, manutenção de áreas públicas, subterrâneas e superficiais. Além de tais fatores sociais que influenciam a manifestação da dengue, salienta-se a presença de terrenos baldios somado à prática de jogar lixo, bem como a falta de cuidado com águas de piscinas não tratadas como condições que influenciam a proliferação do vetor.

Além dos fatores sociais que favorecem a manifestação da dengue, destacam-se os fatores ambientais que configuram o clima do Brasil. A proliferação do mosquito se dá em locais úmidos e quentes, pois o mosquito transmissor necessita de uma temperatura de 20° e 46° C (COSTA, 2001). Desta forma, o Brasil configura-se como um terreno propício para a disseminação desta epidemia, por se tratar de um país com um vasto terreno geográfico, com clima predominantemente tropical e áreas de pluviosidade. Monteiro *et al.* (2009) corroboram tal pressuposto, pois segundo os autores existe uma associação positiva entre o número de casos de dengue, pluviosidade e temperatura. Tal compreensão justifica os altos números de casos registrados na maioria das regiões do país, pois tais regiões são caracterizadas pelo clima tropical e elevadas temperaturas (SILVA; MARIANO; SCOPEL, 2007).

Nesta perspectiva, percebe-se que o Brasil apresenta condições socioambientais que favorecem a dispersão da dengue. Dentre as possibilidades de intervenção, destacam-se aquelas de cunho social, em que há uma mobilização da população na busca por interagir com o setor público de saúde. Ferreira, Veras e Silva (2009), abordam a importância da participação popular no controle à dengue como um elemento fundamental para a execução de um programa efetivo no controle e vigilância da doença. Ressaltam ainda que a ação participativa não é algo espontâneo e requer a intervenção do poder público para sua formulação e execução. Nestes casos, a implantação destes programas de vigilância deveria estar inserida nos planos municipais de saúde de cada município.

### 4 CONCLUSÃO

Por meio da análise dos estudos citados, pode-se concluir que o Brasil configura-se naturalmente como uma área propícia para a criação e o desenvolvimento do mosquito *Aedes aegypti* e conseqüentemente para a dispersão dos casos de dengue, devido às condições ambientais e climáticas inerentes ao nosso país. Porém, a realidade social de descaso quanto ao saneamento básico adequado, serviços públicos e descuido da população quanto aos hábitos de saúde, favorecem as condições para a disseminação da dengue, agravando o quadro no país.

Uma possível medida de intervenção refere-se à conscientização da população quanto às mudanças de hábitos de vida. Para isso, a sociedade necessita compreender a importância de cada indivíduo no processo de saúde coletiva, pois a união de todos em prol da prevenção e eliminação do vírus da dengue pode surtir efeito positivo. No entanto, salienta-se a necessidade de um conjunto de ações voltadas para os determinantes da saúde, junto a estratégias de políticas públicas e abordagens interdisciplinares somadas à necessidade de cada localidade.

### REFERÊNCIAS

COSTA, M. A. R. **A Ocorrência do *Aedes aegypti* na Região Noroeste do Paraná: um estudo sobre a epidemia da dengue em Paranavaí – 1999, na perspectiva da Geografia Médica.** 2001. 214 p. Dissertação (Mestrado em Institucional em Geografia). Universidade Estadual Paulista - Faculdade Estadual de Educação Ciências e Letras de Paranavaí, Presidente Prudente.

CUNHA, M. C. M. *et al.* Fatores associados à infecção pelo vírus do dengue no Município de Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais, Brasil: características individuais e diferenças intra-urbanas. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, v. 17, n. 3, 2008.



FREITAS, R. M.; RODRIGUES, C. S.; ALMEIDA, M. C. M.. Estratégia intersetorial para o controle da dengue em Belo Horizonte (Minas Gerais), Brasil. **Saude soc.**, v. 20, n. 3, p. 773-785, 2011.

FERREIRA, I. T. R. N.; VERAS, M. A. S. M.; SILVA, R. A. Participação da população no controle da dengue: uma análise da sensibilidade dos planos de saúde de municípios do Estado de São Paulo, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, v. 25, n. 12, p. 2683-2694, 2009.

MONTEIRO, E. S. C. *et al.* Aspectos epidemiológicos e vetoriais da dengue na cidade de Teresina, Piauí - Brasil, 2002 a 2006. **Epidemiol. Serv. Saúde**, v. 18, n. 4, 2009.

SAN PEDRO, A. *et al.* Condições particulares de produção e reprodução da dengue em nível local: estudo de Itaipu, Região Oceânica de Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, v. 25, n. 9, p. 1937-1946, 2009.

SILVA, J. S; MARIANO, Z. F.; SCOPEL, I. A influência do clima urbano na proliferação do mosquito *Aedes aegypti* em jataí (GO) na perspectiva da geografia médica. **Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**, v. 2, n. 5, p.33-49, 2007.